

A FORMAÇÃO DO SUJEITO-LEITOR NO ENSINO DE LITERATURA

JACIEL RIBEIRO RODRIGUES*

Universidade Estadual do Piauí (Uespi), Programa de Pós-graduação em Letras, Teresina, PI, Brasil.

Recebido em: 30 maio 2023. Aprovado em: 27 jun. 2023.

Como citar este artigo: RODRIGUES, J. R. A formação do sujeito-leitor no ensino de literatura. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 2, p. 83-98, maio/ago. 2023. doi: 10.5935/cadernosletras.v23n2p83-98

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a importância do ensino de literatura para a formação do sujeito-leitor. Desse modo, abordamos a concepção de sujeito-leitor e texto sobre o viés da Análise do Discurso, uma vez que o sujeito-leitor está condicionado ao espaço e ao tempo, adotando práticas de leituras em uma ordem social. Assim, partimos dos pressupostos teóricos de Orlandi (2012), com a concepção de sujeito-leitor e texto na Análise do Discurso, Lajolo (2001), Cosson (2009), entre outros, enfatizando a literatura como ação transformadora para a formação do sujeito-leitor. Concluímos que o ensino de literatura transforma o sujeito tanto na construção da criticidade quanto na

* E-mail: jacielt6@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-2036-451X>

humanização, pois o texto não se esgota em uma única leitura, podendo dialogar com o contexto do sujeito-leitor.

Palavras-chave

Análise do Discurso. Ensino de literatura. Sujeito-leitor.

INTRODUÇÃO

O estudo realizado traz como tema a “formação do sujeito-leitor no ensino de literatura”, tendo como foco o conceito de sujeito-leitor e de texto na perspectiva da Análise do Discurso. Desse modo, defendemos que o sujeito-leitor, enquanto membro de uma comunidade, é submetido às regras que lhe são impostas e é influenciado pelas ideologias. O texto, por sua vez, é uma unidade de enunciado construída a partir de várias vozes compartilhadas entre os sujeitos em um dado contexto social.

O texto, para a Análise do Discurso, é uma unidade de significados que se desenvolve em um processo de interação, produzido a partir dos elementos que permeiam a realidade. Sendo assim, o sujeito, ao entrar em contato com o texto, por meio da leitura, subtrai algo dele, consequentemente produzindo sentido. O sujeito-leitor, ao armazenar as informações contidas no texto, pode desenvolver a criticidade, ao mesmo tempo que as relaciona com suas experiências.

Com base nisso, esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a formação do sujeito-leitor durante o ensino de literatura em uma perspectiva discursiva, uma vez que o texto literário é a manifestação de discurso de um determinado tempo e espaço que se move para o presente. Diante disso, este estudo surgiu a partir do seguinte questionamento: Como o ensino de literatura pode contribuir para a formação do sujeito-leitor?

À vista disso, é justo frisar que os textos literários, desde o início da humanidade, circulam na sociedade, contribuindo tanto para o conhecimento das espécies humanas quanto para a formação do sujeito. O sujeito-leitor, enquanto membro de um meio social, é um agente do tempo e do espaço que age socialmente em diferentes posições, construindo autonomia e, assim, sendo responsável pelas suas relações.

O texto, portanto, é considerado um modo de inter-relação que liga o sujeito ao mundo e a outros indivíduos, assumindo um importante papel na vida do leitor. Diante disso, a leitura literária proporciona ao sujeito-leitor reflexões acerca do mundo e sobre as condições humanas, colaborando para a sua formação e aproximando-o da sua realidade.

Para tanto, a pesquisa parte de um estudo bibliográfico de cunho qualitativo, amparado pelos estudos da Análise do Discurso, de Orlandi (2001, 2012), que aborda o conceito de sujeito-leitor e de texto em uma perspectiva discursiva, Lajolo (2001), Colomer (2007) e Cosson (2009), que trata a literatura como ação transformadora que colabora para a formação do sujeito.

Este estudo apresenta relação com a pesquisa de Aline de Mello Sanfelici e Leopoldo Kempinski Mezzomo, intitulada “Ensino de literatura e aprendizado sobre si: uma relação intrínseca”. No entanto, o que torna este estudo diferenciado é a inserção do sujeito-leitor e do texto nos conceitos da Análise do Discurso, abordada por Orlandi (2012).

Este artigo está organizado nas seguintes seções: 1) concepções acerca do sujeito na Análise do Discurso, refletindo sobre como o sujeito se comporta em seu meio social a partir da prática de leitura; 2) o texto e a literatura literária como suporte para estimular a criticidade na formação do sujeito, relacionando o passado com o presente, aproximando-o da realidade; 3) o ensino de literatura como meio fundamental para permitir a apropriação dos textos e a construção de novas formas de ler uma obra, bem como perceber a realidade por meio dela e 4) considerações finais.

CONCEPÇÕES DO SUJEITO-LEITOR NA ANÁLISE DO DISCURSO

Sobre a perspectiva da Análise do Discurso (doravante AD), o sujeito tem a capacidade de interagir com outros por meio dos elementos discursivos que auxiliam na produção do discurso, uma vez que ele é a materialização das ideologias. Para Brandão (2004), o discurso é materializado por regras de formação, as quais estão presentes nas ideologias que o sujeito adquire em sua relação com o meio social. O discurso se constrói por meio de atividades sociais, cujas produções agrupam-se em elementos de várias instâncias em que o sujeito participa, pois ele fala de um determinado lugar que ocupa no tempo e no espaço, reproduzindo o seu contexto histórico-social, dado que:

A Análise do Discurso considera como parte constitutiva do sentido o contexto histórico-social; ela considera as condições em que este texto, por exemplo, foi produzido. [...] O contexto histórico-social, então, o contexto de enunciação, constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado. Em outras palavras, pode-se dizer que, para a AD, os sentidos são historicamente construídos (Mussalim, 2012, p. 123).

A AD concentra-se no sujeito enquanto membro de um ambiente social e o contexto um constituinte para a construção do discurso, já que, para a AD, os sujeitos são condicionados pela ideologia que determina o que pode ser dito ou não em uma conjuntura sócio-histórica (Mussalim, 2012). Nisso, o sujeito, estruturado pelo contexto da enunciação, apropria-se da linguagem para representar o lugar em que está inserido.

O sujeito, ao representar seu espaço social, é influenciado pelos processos ideológicos os quais apresentam regras a serem estabelecidas pelo indivíduo (Orlandi, 2012). Nesse sentido, ele é motivado a pensar e a questionar-se sobre o que acontece ao seu redor, manifestado pelas práticas de linguagem que se constituem pela relação com o externo, provocando trocas de ideias e interagindo com os outros indivíduos. Sobre isso, Orlandi (2012, p. 23-24) aponta que:

O sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual. A forma dessa apropriação é social. Nela está refletido o modo como o sujeito o fez, ou seja, sua interpelação pela ideologia. O sujeito que produz linguagem também está reproduzindo nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso quando, na realidade, retoma sentidos preexistentes.

A partir disso, ressaltamos que o sujeito é aquele que transforma o espaço em que vive por meio das ações e da linguagem, pois está determinado a interagir socialmente. Para a AD, ele é resultado de uma relação ideológica e da realidade social. Essa relação, por sua vez, é manifestada por várias formas de linguagem, que é adquirida, muitas vezes, pelo texto que é um objeto de comunicação entre os participantes de uma comunidade.

Com isso, o texto torna-se um instrumento para o funcionamento da linguagem do sujeito-leitor, uma vez que o que está nas linhas do texto é desvelado pelo leitor no momento da leitura. Portanto, o sujeito-leitor é um ser em construção. Ao longo das suas práticas de leitura, ele se constrói, trazendo, para o centro de suas leituras, não somente o que é dito nas linhas do texto,

mas o que está implícito e é dito de várias maneiras, sustentando o que está sendo dito (Orlandi, 2012).

A construção do sujeito-leitor dá-se a partir de um determinado lugar e tempo, apresentando-se como um ser histórico. A partir disso, o sujeito é posto diante de outros indivíduos os quais entrarão em um jogo de interpretações, trocando experiências, ao mesmo tempo que assume seu papel enquanto membro de um grupo social. Nesse cenário, o sujeito, em uma dada posição, apresenta-se como um ser crítico, a partir das leituras realizadas (Orlandi, 2012).

Para Santos (2018), o sujeito-leitor é aquele que, por meio de práticas de leitura, permite-se ler tudo e tem acesso aos textos com facilidade, tornando-se um ser em liberdade, que tem o hábito de construir seu percurso de leitura sem limitações. Desse modo, o sujeito-leitor é um agente do meio social, atravessado por formações discursivas produzidas em diferentes lugares e ocupando diferentes posições. A sua produção de leitura é configurada pelo meio social, pois:

[...] o leitor é aquele que se assume como tal na prática da leitura, numa ordem social dada, em um lugar específico. A função enunciativa-discursiva, que é a do leitor, constitui um sujeito afetado pela sua inscrição social. Quer dizer que o efeito-leitor é determinado historicamente pela relação do sujeito com a ordem social (Orlandi, 2012, p. 139).

Nesse sentido, o sujeito-leitor assume uma posição social conforme sua prática de leitura, ou seja, ele está configurado de acordo com o seu lugar social, apresentando sua identidade de leitura e sua relação cultural. A leitura apresenta uma dimensão maior do que apenas o acúmulo de conhecimento. Ela propicia uma vasta compreensão do mundo, porque, por meio dela, o sujeito-leitor apresenta características sócio-históricas e culturais, desenvolvendo trocas de ideias, bem como a interação.

À vista disso, é importante ressaltar que o sujeito-leitor se apresenta como um ser livre, capaz de questionar tudo o que lê. No entanto, se ele é subordinado às regras de um determinado local, ao ser inserido em uma esfera social, as produções de sentido o levam a posicionar-se conforme as ideologias desse espaço. O sujeito-leitor, ao mesmo tempo que se apresenta como um ser livre, está submetido às regras impostas pela instituição (Orlandi, 2012).

Com base nisso, o sujeito-leitor, influenciado pelo lugar que ocupa, não é impedido de agir conforme sua vontade, pois a sua percepção, enquanto leitor,

desenvolve o senso crítico, permitindo-lhe agir conforme as suas necessidades de leitor. O espaço faz com que ele se aproprie dos elementos sociais, políticos e culturais em sua volta, os quais auxiliam na construção do discurso, vivenciando práticas discursivas orais e escritas. Ao fazer isso, ele tem a capacidade de argumentar, criticar e sensibilizar o seu interlocutor por meio da linguagem (Pietri, 2009).

Para Orlandi (2001), o texto é, por excelência, uma forma de linguagem, tornando-se um objeto de interação entre os sujeitos. A leitura, portanto, é o processo de condução que leva o leitor às condições de sentido do texto, uma vez que para dar sentido é preciso compreender as vozes que estão nas linhas e entrelinhas. Sendo assim, não existe sentido pronto e transparente na superfície do texto. É o leitor que atribui sentido a ele. Tampouco existe um sujeito-leitor antes da leitura (Prado, 2007), isto é, o sujeito se constrói no momento da leitura.

O texto é um instrumento que envolve questões relativas aos aspectos sociais e políticos, aos quais devem ser atribuídos conhecimentos prévios para produzir sentido, enquanto o sujeito-leitor se configura nas condições que o caracterizam socialmente (Orlandi, 2012), ou seja, é o ambiente que determina as condições do leitor. Assim, ele torna-se um indivíduo participativo, capaz de extrair do seu mundo exterior formas de se relacionar com o outro, além de fazer inferências em suas leituras e reter o que ele considera relevante em um texto para a sua realidade. A respeito disso, discutiremos na seção seguinte.

O TEXTO E A LEITURA LITERÁRIA

A literatura oportuniza formas de pensar e de ver o mundo em diferentes concepções. Trata-se de uma porta aberta para o conhecimento. O texto literário dá ao sujeito experiências leitoras que o levam a múltiplas interpretações, oferecendo um nível de maior compreensão daquilo que é lido. Consequentemente, isso possibilita que o sujeito detenha o conhecimento, uma vez que os textos literários são de caráter questionador, pois se comportam como elemento motivador da imaginação e do pensamento crítico e, sobretudo, ajudam a compreender as diversidades sociais e culturais.

O mundo literário representado na literatura mostra as condições de um fato histórico. “É um mundo que nasce da experiência que o escritor tem de

sua realidade histórica e social” (Lajolo, 2001, p. 47). Nesse sentido, o texto é visto como um objeto inacabado e incompleto, cujo escritor, ao produzi-lo, apropria-se do seu contexto. O sujeito, ao ler o texto, apropria-se dessa realidade, entra em contato com as vozes que construíram o texto e pode formar novas interpretações.

Com base nisso, consideramos a noção de texto na perspectiva da AD, adotada por Orlandi (2012), a qual afirma que o texto é uma unidade complexa de significado e se constitui no processo de interação. Desse modo, tem-se o interesse pelo texto literário como forma de discutir a sua importância na formação do sujeito-leitor, bem como esse processo de interação. Portanto, “[...] a literatura em seu nível mais profundo permite apreciar as possibilidades de estruturar e reestruturar os recursos da linguagem a serviço da atividade comunicativa do discurso” (Colomer, 2007, p. 34).

O interesse da literatura se faz, então, duplamente; porque pode auxiliar no desenvolvimento de questões relativas a aspectos sociais e políticos, e o texto literário é um bom material para isso, uma vez que sua produção pode revelar aspectos das condições em que foi produzido; e porque possibilita a um trabalho com a linguagem que pode ser altamente elaborado (PIETRI, 2009, p. 81).

Sendo assim, o texto literário, enquanto objeto de desenvolvimento do conhecimento e de possibilidade para o trabalho com a linguagem, colabora para a formação do sujeito-leitor e para a sua interação com os outros participantes, uma vez que as estratégias são desenvolvidas a partir das diversas leituras realizadas pelo leitor, tornando-o competente e capaz de associar as suas leituras a outras. Desse modo, o texto literário ajuda o leitor a descobrir novos horizontes, além de contribuir para a formação do indivíduo, a saber:

[...] a leitura literária contribui para a *formação de pessoa*, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade e realidade através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem (Colomer, 2007, p. 31).

Nesse sentido, a leitura literária é um instrumento que apresenta relação com a formação da humanidade, pois os textos abordam questões a respeito dos antepassados, dos primeiros habitantes de uma nação, da formação da raça humana e dos aspectos culturais, políticos e sociais de determinado

período, sendo de fundamental importância para a formação do sujeito e a aquisição do conhecimento.

O texto, *grosso modo*, não é um objeto fechado. Requer que o sujeito ultrapasse a noção de informação contida nele (Orlandi, 2012). Sendo assim, para Lajolo (2001), a literatura nasce de várias leituras, é uma porta aberta para o mundo e não se acaba na última página do livro, isto é, as leituras realizadas de um texto literário ganham força nas interpretações praticadas pelos sujeitos.

Para Orlandi (2001), compreender a funcionalidade do texto e a sua produção de sentido é compreendê-lo enquanto objeto linguístico e histórico e como se constitui nas diferentes posições discursivas dos sujeitos. Portanto, a formação do sujeito-leitor é constituída em um processo contínuo com o texto, pois “[...] o sujeito se subjetiva de maneiras diferentes ao longo de um texto” (Orlandi, 2001, p. 70). Ou seja, o texto não é um objeto limitado. É uma unidade de enunciados que se constituem em vários aspectos, seja linguístico, seja histórico, e não se esgota em apenas uma interpretação, criando, assim, novos mundos pelas interpretações do leitor. Com base nisso, Rangel (2012, p. 27) destaca que:

[...] o texto comporta uma concepção que não se esgota nele mesmo, mas no diálogo que provoca com o leitor. O diálogo será tanto mais produtivo quanto mais o texto puder possibilitar condições de identificação do leitor com ele, considerando que o autor, ao criar o texto, não tem objetivo de conformar o leitor, mas de tê-lo como coprodutor, parceiro, dando-lhe também possibilidades de criar outros textos. A obra, então, não é apenas um objeto que apresenta uma visão de mundo acabado, mas um espaço que pode contribuir na formação do leitor reflexivo.

De acordo com Rangel (2012), o texto não se confirma apenas nas linhas que o constrói, mas constitui-se em uma dimensão maior, a qual possibilita ao leitor despertar para novos horizontes. À vista disso, o sujeito-leitor e o texto se relacionam “[...] por mediações, por determinações de muitas e variadas espécies que são as suas experiências da linguagem” (Orlandi, 2012, p. 154). O texto literário provoca no leitor a curiosidade de conhecer as condições de produção, bem como de estabelecer relação com a sua realidade.

Com isso, o leitor, diante do texto, não deve ser um sujeito passivo, mas precisa participar e estabelecer uma relação de troca, desenvolver experiências,

duvidar, crer e tecer novas concepções a respeito do que leu (Burlamaque; Martins; Araujo, 2011). Com base nisso, as práticas literárias na escola visam a uma reflexão acerca dos discursos sociais e veem o texto literário como uma forma de ação educativa e de estudo dos mecanismos da linguagem.

Dessa forma, o texto, como afirma Orlandi (2001), é visto como uma organização e relação da língua com a história, cujo sujeito estabelece um trabalho significativo em sua relação com o mundo. Com isso, ressaltamos que o texto é um modo particular de relatar a realidade, pois sua organização é construída dos elementos externos, dos quais o autor se alimenta não para dar respostas, mas sim para refletir (Silva, 2019).

Para Zilberman (2012, p. 18), “[...] ler significa viver a realidade por intermédio do modelo de mundo transcrito no texto”, isto é, a leitura tem um importante papel na formação do sujeito, seja no desenvolvimento cognitivo que permite conhecer novos caminhos, perspectivas e interpretar, seja na transformação humana, estimulando os campos afetivos, sensoriais e culturais. Nesse sentido, a leitura literária estimula a participação ativa do leitor, transformando-o em um indivíduo crítico e reflexivo, envolvendo-o em novas possibilidades de sentidos diante do texto, fazendo com que ele conheça as “práticas sociais que medeiam e transformam as relações sociais” (Cosson, 2009, p. 40).

É preciso pensar em um ensino de literatura que permita que o sujeito-leitor elabore as próprias interpretações, oferecendo textos que o motivem a ler, ao mesmo tempo tornando-o um indivíduo do espaço e do tempo capaz de inferir nas decisões acerca da realidade do mundo. Desse modo, o trabalho com o texto literário em sala de aula permite que o aluno se depare com vários mundos, os quais possibilitam a inter-relação com o seu cotidiano, pois o texto se insere em um momento sócio-histórico, além de ser um processo de interação (Orlandi, 2012). Sobre o ensino da literatura, refletiremos a seguir.

O ENSINO DE LITERATURA

A literatura é um requisito importante para despertar a formação crítica e ética do indivíduo, sobretudo para garantir o conhecimento sobre a formação cultural de determinado povo. Dela depende-se o agir da imaginação e da criatividade, que se dá a partir de um jogo entre o leitor e o texto. Moises

(2012) afirma que a literatura é a forma de conhecer o mundo e os seres humanos. É uma ação colaborativa para o conhecimento, a superação e a libertação, uma ficção por meio de vocabulários polivalentes.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), a literatura dá força para a nossa percepção de ver o mundo. Por intermédio das palavras, ela nos permite ver e sentir, enriquecendo a nossa visão do mundo, além de nos fazer refletir sobre questões que vivenciamos. Sendo assim, pensar no ensino de literatura é motivar o aluno a refletir sobre o mundo, bem como buscar nos textos literários o conhecimento de outros modos de vida e mostrar uma realidade desconhecida. Com efeito, ensinar literatura é reconhecer na obra literária o estímulo do pensamento crítico, visando ao enriquecimento pessoal do leitor, já que a leitura é uma descoberta do mundo (Zilberman, 2009).

A obra literária é importante para a formação do sujeito-leitor, já que a leitura literária possibilita a construção do conhecimento do leitor enquanto sujeito do mundo em harmonia com os outros indivíduos em uma troca de conhecimento. Assim, ela permite que o sujeito seja o outro sem deixar de ser ele mesmo, e é nessa experiência que o leitor se constrói em uma dimensão educativa sobre os sentimentos e ações humanas (Colomer, 2007).

A escola, ao desenvolver um trabalho com o texto literário, permite ao aluno expandir-se como leitor que descobre novos horizontes, bem como “[...] enfrentar a diversidade social e cultural” (Colomer, 2007, p. 31). A partir disso, compreendemos a importância do professor nesse processo, pois cabe a ele a motivação dos alunos nos estudos sobre o texto literário, porque o docente assume um papel significativo na formação do alunado, uma vez que a capacidade criativa, a construção da linguagem, as manifestações culturais e a relação com a natureza e a vida cotidiana dos alunos estão presentes em sala de aula (Sanfelici; Mezzomo, 2019).

Diante disso, o ensino de literatura precisa ser constante nas escolas. Além de desenvolver o conhecimento, a literatura tem a função de humanizar, trilhar caminhos desconhecidos, presentear-nos com uma aprendizagem significativa e experiências que colaboram para a compreensão do mundo por meio da fantasia e da imaginação (Fleck, 2019). Assim, para que propicie uma aprendizagem significativa, o ensino de literatura deve:

[...] ter como centro a experiência do literário. Nessa perspectiva, é tão importante a leitura do texto literário quanto a resposta que construímos para ela. As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário

e não a mera leitura das obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando os seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários (Cosson, 2009, p. 47).

Dessa forma, o ensino de literatura não se limita apenas à leitura das obras. É preciso levar o aluno ao conhecimento além do texto, despertando o pensamento crítico. Para isso, cabe ao docente disponibilizar meios para que o aluno possa, em sala de aula, apreciar a obra literária em uma dimensão global de sentido, sobretudo questioná-la para relacioná-la ao seu meio social. A literatura é uma representação da realidade. Ensiná-la:

[...] é estar consciente de que ela é obra humana e, como tal, aborda os impasses morais, sexuais, psicológicos, religiosos, políticos etc. Tudo isso culmina numa apreensão de eticidade do texto literário por parte do educador. Não se deve fugir dos problemas, nem escondê-los, senão promover um discurso aberto sobre isso [...]. Aliás, todo conhecimento só tem sentido se for colocado em defesa da liberdade, que, não suportando fundamentalismo e hipocrisia, coopera para que o aluno elabore sua aprendizagem pelo viés da criticidade (Silva, 2019, p. 23).

A escola, enquanto lugar privilegiado para a circulação dos textos literários, deve preparar os alunos para a apreensão do conhecimento. Uma de suas funções, enquanto instituição de ensino-aprendizagem, é instigar os estudantes a pensar com criticidade e atuar nas relações sociais do dia a dia. Por isso, é preciso pensar em um ensino de literatura em que o aluno seja um participante ativo, que o ajude a pensar e refletir a respeito de várias questões sociais, as quais estão presentes no seu cotidiano.

O professor, nesse contexto, é o desencadeador de metodologias necessárias para o incentivo à leitura, bem como para a circulação de textos em variados “gêneros e formas diversas vinculados à apreciação de obras artísticas e produções culturais” (Brasil, 2018, p. 495). Sobre isso, Pietri (2009) assevera que o professor precisa escolher os textos que serão trabalhados em sala de aula e que sua escolha deve estar pautada pela qualidade do texto.

Sendo assim, os procedimentos metodológicos realizados pelo professor precisam levar o aluno a ler literalmente o texto. O processo de letramento literário coopera para o seu efetivo domínio, propiciando o conhecimento das normas literárias e, conseqüentemente, dando sentido ao texto literário

(Santos; Yamakawa, 2017). O progresso do leitor ocorre a partir dos elementos internos do enunciado da leitura, direcionando-o a uma leitura mais interpretativa, capacitando-o a interagir e a construir significados implícitos (Colomer, 2007).

É conveniente, portanto, realizar atividades que despertem no alunado condições para raciocinar e interpretar o texto literário, suscitar direções de leitura para extrair sentido do próprio texto, bem como estabelecer relação com a realidade. Em virtude disso, é preciso que as aulas de literatura não se limitem a apenas um gênero específico, nem somente às leituras dos cânones, para que, além de formar leitores, possam desenvolver a formação de cidadãos e seres humanos críticos.

De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), o exercício do trabalho com textos literários envolve também incluir certos níveis de empatia e solidariedade, que podem levar o aluno a questionar e descobrir várias situações do seu cotidiano, além de construir inter-relações pessoais. Nesse sentido, o texto é uma unidade de enunciado que envolve o sujeito-leitor em práticas pessoais e sociais que “pode propiciar a exploração de emoções, de sentimentos e ideias, que não encontram lugar em outros gêneros não literários e que, por isso, deve ser explorado” (Brasil, 2018, p. 496).

A importância do sujeito-leitor, no contexto literário, consiste no reconhecimento das regras formais e estilísticas das quais o texto literário é composto para que o leitor seja capaz de compreender o universo da obra. Assim, é basililar, em sala de aula, apresentar ao estudante obras literárias que o estimulem a explorar o lado pessoal e social, a fim de estabelecer uma ação dialógica entre o mundo ficcional da obra e o real do leitor:

Se o texto literário evoca uma dupla visão do mundo (particular, por ser recorte de vivências e construção do imaginário do autor; coletivo, porque se insere no tempo-espaço demarcado pela herança cultural) sua leitura também implica um saber de mundo, um olhar duplo, para fora de si, onde estão os fatos narráveis, e para dentro de si, onde estão as sensações que detêm o mundo (Silva, 2019, p. 24).

O autor persiste nas consequências manifestadas pelo texto literário. No entanto, isso só ocorre mediante propostas de atividades mobilizadas pelo professor, uma vez que as práticas de leitura literária devem ser capazes de resgatar os elementos das obras, tais como a historicidade do texto, a produção, a

circulação em um entrecruzamento de diálogo entre a obra, leitores, tempos históricos e seus movimentos de manutenção e os modos de apreensão da realidade (Brasil, 2018), possibilitando ao leitor atuar e reter as informações necessárias com as leituras realizadas.

O sujeito-leitor, constituído por esses efeitos, representa a conjunção de duas historicidades: a história de suas (do leitor) leituras e a história de leituras do texto, que atuam dinamicamente na constituição de uma 'sua' leitura específica, em um momento dado (Orlandi, 2012, p. 150).

Segundo a autora, o sujeito-leitor é um ser duplo de histórias de leituras, pois, ao mesmo tempo que, no momento da leitura, apreende-se das outras histórias, coloca em jogo as suas, identificando as vozes e a sua relação com o texto, dando sentido a ele, já que “[...] o discurso de outrem passa a ser um elemento central para a constituição do sujeito leitor” (Sanfelici; Mezzomo, 2019, p. 17). Isso implica novas descobertas, apontando diferentes formas de interpretação manifestadas pelo leitor.

De fato, o ensino de literatura permite ao aluno conhecer e descobrir novos mundos, propiciando o seu desenvolvimento como sujeito, seja no que tange à vida pessoal, seja à vida social. A literatura é uma prática de discurso construída no passado e que se configura no presente, por meio de novas leituras e reflexões que atuam na construção do sujeito como leitor. O texto é um objeto não finalizado, que se manifesta e se constrói no tempo e em determinado espaço, a partir das múltiplas posições que o leitor ocupa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, realizamos um estudo acerca da importância do ensino da literatura na formação do sujeito-leitor. Para essa discussão, trouxemos a concepção tanto de sujeito-leitor quanto de texto pelo viés da Análise do Discurso. Com base nisso, refletimos que o sujeito-leitor representa o espaço e o tempo, os quais são fundamentais para a construção do texto, uma vez que o sujeito é submetido às ideias de determinado lugar, no qual ele se posiciona e se apresenta enquanto membro daquele espaço.

A partir disso, o discurso é produzido em meio às situações em que o sujeito se encontra, levando em consideração os elementos sociais como

instrumento de produção. O texto, visto como uma unidade de significados, inacabado e incompleto, constitui-se na interação entre os sujeitos, produzindo sentido, pois, ao lê-lo, o leitor pode inferir e apresentar múltiplas interpretações, aproximando-as de sua realidade, ao mesmo tempo que adquire conhecimento.

O sujeito-leitor, ao ter contato com o texto, assume uma posição de leitor crítico, capaz de questionar e refletir sobre a sua realidade e as condições da vida humana. Com base nisso, o texto literário provoca no indivíduo essas reflexões, as quais colaboram para o desenvolvimento de questões relativas aos aspectos sociais, proporcionando sua formação enquanto sujeito-leitor. Nessa perspectiva, a leitura literária é uma ação transformadora para o leitor, porque, ao ler determinada obra literária, ele entra em contato com a realidade de um passado por meio da linguagem, descobrindo as condições de produção.

Sendo assim, o ensino da literatura pelo viés da perspectiva da Análise do Discurso pode contribuir para a formação do sujeito-leitor. A partir da leitura de obras literárias, ele constrói um diálogo com a realidade e reflete a respeito de temas que circulam no seu cotidiano, o que o ajuda a compreender aquilo que leu, bem como a dialogar, questionar e discutir as leituras realizadas, interagindo com outras. O sujeito-leitor assume sua posição de leitor crítico diante desses temas, sobretudo construindo-se humanamente e se colocando no lugar do outro.

The formation of the subject-reader in the teaching of literature

Abstract

This research aims to reflect on the importance of teaching literature for the formation of the subject-reader. Thus, we approach the conception of subject-reader and text from the perspective of Discourse Analysis, since the subject-reader is conditioned to space and time, adopting reading practices in a social order. Thus, we start from the theoretical assumptions of Orlandi (2012) with the conception of subject-reader and text in Discourse Analysis, Lajolo (2001), Cosson (2009) among others, emphasizing literature as a transforming action for the formation of the subject-reader. We conclude that the teaching of literature transforms the subject both in the construction of criticality and humanization, because the text is not exhausted in a single reading, but can dialogue with the context of the subject-reader.

Keywords

Discourse Analysis. Teaching Literature. Subject-reader.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 7. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BURLAMAQUE, F. V.; MARTINS, K. C. C.; ARAUJO, M. S. A leitura do livro de imagem na formação do leitor. In: SOUZA, R. J. de; FEBA, B. L. T. (org.). *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 75-95.
- COLOMER, T. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- FLECK, G. F. Ensino de literatura e a formação do leitor literário na escola: dos primeiros passos à vida. *Revista A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 20, n. 2, p. 85-103, out./dez. 2019.
- LAJOLO, M. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- MOISÉS, M. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2012. v. 2. p. 112-142.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- PIETRI, É. *Práticas de leitura e elementos para a atuação docente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- PRADO, C. H. do. A aula de leitura e a constituição do sujeito-leitor. *Revista de Educação do Curso de Pedagogia*, Campus Avançado de Jataí, Universidade Federal de Goiás, v. 1, n. 3, p. 1-11, jan./jul. 2007.
- RANGEL, J. N. M. *Leitura na escola: espaço para gostar de ler*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

SANFELICI, A. de M.; MEZZOMO, L. K. Ensino de literatura e aprendizado sobre si: uma relação intrínseca. In: BATISTA, M. dos R.; REIS, M. E. D. (org.). *Reflexões e ações no ensino de literatura e de leitura literária*. Alagoinhas: Bostô Grená, 2019. p. 15-27.

SANTOS, C. dos. *Constituição do sujeito-leitor em projetos de leitura: ressignificações a partir de instâncias ideológicas*. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SANTOS, J. R. de O.; YAMAKAWA, I. A. A leitura e o letramento literário em perspectiva: discutindo abordagens, matizando conceitos. *Revista X*, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 84-100, 2017.

SILVA, C. R. da. Da literatura para a travessia: é possível ensinar literatura? In: LEURQUIN, E.; COUTINHO, F. (org.). *Literatura e ensino*. Campinas: Mercado das Letras, 2019. p. 15-31.

ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino de literatura*. Curitiba: Ibplex, 2012.

ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K. (org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 17-39.